

**O CAMINHO ENTRE O ABISMO E O SILÊNCIO:
UM ESTUDO DO PROCESSO COMUNICACIONAL NA FRUIÇÃO DO SENSÍVEL**

Bruna Cardoso de Oliveira¹

Resumo:

O presente trabalho abordará os conceitos de Abismo, Silêncio, Aberto, Comunicação, Sensível, Arte e Espiritualidade para traçar um diálogo de compreensão e experimentação da construção do ser a partir do compartilhamento com o outro por meio da Comunicação. Para isso, trabalharemos à luz de pensadores como Heidegger, Merleau-Ponty, Ciro Marcondes, Florence Dravet, Gustavo de Castro, Carl Gustav Jung, entre outros.

Palavras-chave: Comunicação. Sensível. Abismo. Silêncio. Aberto.

Introdução

Este artigo busca conectar os conceitos de Abismo, Silêncio, Aberto, Comunicação, Sensível, Arte e Espiritualidade; em uma possível metodologia investigativa do homem como ser que compartilha e se reconhece no encontro com o outro. Para desenvolver tal proposição serão abordados conceitos trabalhados por Heidegger, Merleau-Ponty, Ciro Marcondes, Florence Dravet, Gustavo de Castro, Carl Gustav Jung, entre outros.

O artigo está estruturado em três partes. A primeira chamada “O Abismo e o Silêncio – caminhos para o Aberto”, expõe a significação desses três conceitos que serão base para a estrutura do texto. Nesta parte descobriremos o que é o Abismo, o Silêncio e o Aberto, além de refletirmos sobre suas possíveis relações e correspondências com a Comunicação.

Na segunda parte, intitulada “A Comunicação que atravessa”, nos aproximaremos do conceito de Comunicação com o viés da teoria metapórica e seu diálogo com os conceitos de

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Instituição Universidade Católica de Brasília - UCB. E-mail: brunacarolli@gmail.com.

Abismo, Silêncio e Aberto. A partir deste diálogo amadureceremos a questão para compreender a qual lugar a Comunicação nos leva, e principalmente, o que construímos em nós quando nos comunicamos.

Na terceira parte, chamada “O Sensível: Arte e Espiritualidade”, nos aproximamos da experiência cotidiana, da possibilidade de encontro com os conceitos trabalhados nas duas partes anteriores. Será nesta parte que discutiremos o papel fundamental da arte e da espiritualidade como vivências mensuráveis para o ser humano conseguir, de fato, alcançar e experimentar o Aberto.

O Abismo e o Silêncio - caminhos para o Aberto

O que é o Abismo? O que é o Silêncio? E o que é o Aberto? Por que esses conceitos se relacionam e se interpelam dentro de uma perspectiva ligada à Comunicação? Caminharemos por partes. Abismo é “a profundidade que não se acha fundo” (CUNHA, 2013, p.3), palavra de origem latina *abysmus* derivada da palavra grega *abyssos* que significa “sem fundo”. Assim, Abismo é a profundidade do não conhecimento seja de um chão, de um limite, de uma potência; é o lugar do desassossego, da incerteza. Atentemo-nos que Abismo não é apenas sua origem grega *abyssos*, mas sim a própria profundidade. Característica esta que nos sugere a imagem de percurso, caminho; um caminho edificado pela profundidade.

Cunha definiu: “profundidade que não se acha fundo”, mas quem procura esse fundo? Certamente não é o Abismo, mas alguém que se ressentiu por não estar limitado a uma fronteira. O Abismo existe pela sua completude infinita, profunda e oculta. Este lugar nos provoca. E assim o faz porque coloca-se como um espaço de não fronteiras, onde precisamos lidar com o fato de estarmos soltos no sem fim.

Heidegger define Abismo como a incompreensão e o desconhecimento que temos do espaço que a linguagem alcança. “Falamos de abismo quando o fundo desaparece, quando nos ressentimos de um chão, quando buscamos um fundamento na suposição de que há um fundo a ser alcançado” (HEIDEGGER, 2003, p.9). O abismo é mistério, é rompimento de expectativas; esperanças e frustrações. É o que não sabemos e, que em geral, não ousamos

saber. Mas que existe e constitui uma geografia infinita, sem fundo, a geografia do caminho da própria linguagem.

Como pensar a linguagem quanto um lugar de profundidade inalcançável? Talvez, para conseguirmos essa resposta tenhamos que nos jogar ao Abismo. Insistiremos, ele não foi definido como “a superficialidade que não se acha o fundo”, ao contrário, ele é a profundidade que oculta para resguardar seus mistérios dos medrosos e covardes. Quando comunicamos nos lançamos à aventura do Abismo. Podemos parar e observar esse lugar apenas de sua margem, receosos do que a escuridão guarda. Ou, podemos fazer como os artistas e os sensíveis; e lançarmo-nos profundamente à possibilidade do sem fim.

Como compreender essa forma de Comunicação? Talvez, pensá-la como um lugar que é comum a todos mas que está guardado e/ou esquecido. Isso o torna apenas um lugar de possibilidades à espera do acontecimento que comunica, que atravessa. “O pensar que não é profundo não ama, logo não associa, não rejunta nem reúne, mas classifica, disjunta, desune” (CASTRO, DRAVET, 2014, p.97). O caminho da linguagem reúne, rejunta e associa as possibilidades da fala.

Heidegger nos fala que “No dito, a fala se resguarda. [...] Contudo, na maior parte das vezes e com frequência, o dito nos vem ao encontro como uma fala que passou” (HEIDEGGER, 2003, p.11). O encontro passado abriga em seu presente o Silêncio como possibilidade da fala ser ou não dita. Isso dependerá da qualidade com que essa fala se constituir. E por isso mesmo, esse Silêncio guardião do presente pode ou não encontrar correspondência na palavra a ser dita. Esse Silêncio fala por si próprio. “A saga do dizer não se deixa aprisionar por nenhum enunciado. Ela exige que silenciemos, no vigor da linguagem, o encaminhamento apropriador, sem falar sobre o silêncio” (HEIDEGGER, 2003, p.214). É a fala do não dito que acontece em um lugar sem fundo, sem limites, que reúne o presente e o passado daquilo que fala. O Abismo não possui fundo, e talvez, por isso mesmo neste seu percurso infinito consiga acolher o Silêncio em seu tempo presente para uma futuro “encontro como uma fala que passou”.

E, o que é o Silêncio? O Silêncio é um segredo; é aquilo que acolhe, guarda, cuida. Para René Char seria “o estojo da verdade”. Vamos pensá-lo em uma classificação simplificada expressa entre Silêncio explicável e o Silêncio inexplicável. O primeiro pode ser

entendido como o Silêncio do raciocínio e o segundo como o Silêncio do pensamento. “O raciocínio empenha-se em reduzir o porte do real e a estaturas de suas possibilidades. O pensamento, mais fundo e independente que a razão, abre-se ao encontro com tudo aquilo que o supera e recolhe em seus enunciados a intensidade desse contato” (KOVADLOFF, 1993, p.15). O Silêncio é continuidade na manifestação das possibilidades da Comunicação. É lugar fértil para se permitir o fluir, e a queda no Abismo. O Silêncio cuida na forma de um segredo inviolável.

“Não desejo falar do que, silenciado, poderia ser dito alguma vez. Não é um confinamento o silêncio que me atrai: não aprisiona outra realidade. Quero, em vez disso, falar do silêncio que não cumpre a função de maquiagem e que, como tal, não encontra nem pode encontrar equivalência na palavra. Quero, em suma, falar de um fundo irreduzível” (KOVADLOFF, 1993, p.10)

O que seria esse fundo irreduzível? Para Kovadloff, o próprio Silêncio. Para nós, o Silêncio que cai no Abismo e guarda o profundo sem fim para nele se reconhecer, se religar e se reconectar; compartilhar com algo maior para que o movimento, o decifre e se torne, também, Silêncio. O Silêncio habita aquilo que os poetas chamariam a essência do ser. À essa proposição evocamos o Aberto. “O Aberto é o campo sem limites das conexões e suas possibilidades” (CASTRO, DRAVET, 2014, p.95). O Aberto é o lugar onde encontramos o Abismo e o Silêncio, onde todas as possibilidades acontecem e vivem seus passados, presentes e futuros. Ele é a forma de religação do homem ao conhecimento do sensível, ao mistério que o compõe, o exercitar do espírito.

O Aberto deixa entrar: recolhe à maneira da força de gravidade das forças e integra na totalidade dos feixes da conexão. O Aberto devolve ao homem o sentido e o sentimento de pertença ao grande. O Aberto é também chamado por Rilke de “círculo mais vasto”, aquilo que circunscreve tudo que é” (DRAVET, 2014, p.19)

O Abismo é um caminho da linguagem para chegar ao Aberto. Uma possibilidade de comunicação. “A comunicação é, por si só, um *logos*, porque achega sentidos, coisas, imagens, ideias. Esse *achegamento* multirrelacional do Aberto com vistas à religação pelo *logos* é o que o pensamento complexo chama de *sistemas abertos*” (CASTRO, DRAVET, 2014, p.95) O Aberto é o que compreende as diferenças e sutilezas de cada coisa. É no Aberto que os pontos de intersecção entre estas coisas e pessoas se estabelecem. Pelo Aberto os

nexos são feitos e as sensações vivem; é uma esfera absoluta, infinita, uma camada que a tudo envolve e atravessa.

A Comunicação que atravessa

Como vimos, o Aberto é uma esfera absoluta que é permeada por diferentes conexões e fluxos. Nesta esfera encontramos a Comunicação, escrita com maiúscula. Esse é um detalhe importante para compreendermos a relação que será construída no decorrer do presente trabalho. Utilizar a grafia em maiúscula é uma evocação à Comunicação quanto ente que abarca as interações entre o que somos e o que nos cerca. Mais ainda, evocamos a capacidade do encontro e do cuidado com que nos deparamos e que entra em nossa constituição de pertença. O que isso quer dizer? Neste artigo pensaremos a Comunicação como um processo que comunga com o Abismo e o Silêncio em sua construção pelo Aberto. Um processo que abrange o Eu e o Tu, em uma relação de alteridade, de consciência e cuidado com o outro como possibilidade de encontro. E por fim, uma relação fluídica e intimamente ligada ao Sensível.

Assim trataremos a Comunicação como um encontro com o Sensível, uma chance de descoberta e partilha com o Aberto, onde a possibilidade de formação de nexos e novas articulações são inimagináveis. Estas formações estão na troca, na passagem aberta entre a relação do Eu e o Tu.

Enquanto homem, reconheço a existência de outro ser diferente e complementar a mim, que colabora para me determinar. O verdadeiro princípio do ser é o Eu unido ao Tu. Sozinho, o homem não é nada, nem ser moral, nem ser pensante; apenas na comunidade, na aliança de um ser humano a outro, está contida a essência desse ser humano. Essa comunidade apoia-se na diferença do Eu e do Tu (MARCONDES, 2003, p.41).

Reconhecer a diferença entre o Eu e o Tu, abrir diálogo com esse outro, e, principalmente deixar-se atravessar por esse segredo que não nos pertence, mas traduz e largueia o espaço para o acontecimento comunicacional. Esse movimento de travessia pelo outro reflete o próprio movimento da Comunicação dentro do Aberto. Para alcançar o Aberto

a Comunicação se permite atravessar, fluir, habitar e deixar ser habitada. Como a conceituação do Silêncio inexplicável, podemos ser também encontros inexplicáveis onde exercitamos nosso pensamento ao invés da razão com o outro. Ser aí um Silêncio que acolhe o segredo do Tu e o partilha com o próprio corpo que se é. O Metáporo nos suscita um início sobre o pensamento a respeito da Comunicação e o Aberto.

Metáporo, um caminho que se desbrava a si mesmo, embarcação que corta a água em dois flancos e segue sua rota sem traçado demarcado. Passagem livre e inesperada para o outro lado, mas também, passagem para o conhecimento, metáporo, epistemologia espontânea do saber comunicacional (MARCONDES, 2003, p.263).

Ciro Marcondes desenvolveu o conceito de Metáporo para dar conta dos diferentes níveis que esta Comunicação abarca. Ele apresenta uma variação entre estes níveis que vai desde a banalidade da expressão formal, até sua realização mais plena e transformadora, assentada na multiplicidade de sensações obtidas por nossos órgãos dos sentidos. Por essa Comunicação entendemos o encontro com o Sensível, com o que é silencioso e não silenciado. A poesia, a arte e a transcendência se transformaram em elos sutis entre o homem que pensa profundamente e o Sensível.

Assim ele mesmo se torna Abismo, espaço sem fundo capaz de guardar segredos e religar o pensamento e o amor. “O pensamento mais profundo sobre algo é também amor a esse algo. Passados certos limites, pensamento e amor são quase a mesma coisa” (JUARROZ apud CASTRO, DRAVET, 2014, p.97). Este pensamento-amor ativa o Sensível e a Comunicação (comun-ação) de permitir desmanchar-se na carne do mundo, como diria Merleau-Ponty (2004, p.51). Aí está o movimento. O risco do desequilíbrio que movimenta e transforma, que gera o equilíbrio e os novos encontros; este é o cairmos para o alto do Abismo (Heidegger). A Comunicação nos atravessa e permite que o Abismo nos envolva, que neste momento sejamos todos uma onda que se une ao mar de ondas, irregulares e sem forma. “Cada pessoa sai de si mesma numa explosão fácil, abrindo-se, ao mesmo tempo, ao contágio da onda que repercute como as ondas do mar, cuja unidade é igualmente indefinida e precária” BATAILLE apud MARCONDES, 2003, p.29). Essa explosão fácil é a propensão latente de Comunicação dentro de cada um.

O Aberto proporciona o movimento à Comunicação, que pode ser o próprio movimento criador. O Abismo gera o movimento da queda para o alto, infinito, inconstante; o metáforo explica nosso mergulho no encontro com o outro, nossa diluição do rígido; e o Aberto acolhe esses movimentos em sua natureza de caos equilibrador.

O risco do Aberto que pode conduzir à destruição é precisamente o que gera tensão e propicia a força criadora. Enquanto risco semelhante ao risco de um pulo no abismo, ele demanda um estado desperto do organismo capaz de buscar na profundidade do Aberto a matéria para o novo, de efetuar as conexões que alimentam e movimentam a existência (CASTRO, DRAVET, 2014, p.99)

A Comunicação cria quando permite atravessar. O acontecimento comunicacional, expressão cunhada por Marcondes, é o durante de um processo onde o ser encontra o outro e a partir deste encontro ele vive a transcendência. Ou seja, permite-se ir além, ultrapassar a si mesmo e tornar-se outra coisa. “A comunicação cria na medida em que permite o novo. Símbolo de todas as possibilidades, signo de todas as promessas, estado de tensão no qual advém um acontecimento” (CASTRO, DRAVET, 2003, p.100)

O Sensível: arte e espiritualidade

No percurso deste artigo pensamos sobre o Abismo, o Silêncio, o Aberto e a Comunicação. Pensamos a respeito do pensamento e do amor, do encontro, da relação entre o Eu e o Tu. Entre todos eles, o Sensível pairava, não como um simples adjetivo. Era algo mais. Algo além. Como uma noção de entendimento, de compreensão. O Sensível compreende, alcança. Mas o que ele alcança? Que compreensão é esta que ele atinge?

O Sensível nos lembra nossa condição de autor/observador, criaturas capazes de vivenciar e transformar os encontros em novos diálogos com a profundidade sem fundo, com os segredos e com o infinito. Ele, Sensível, habita a alma do homem e torna-se ação quando nos comunicamos junto ao Aberto. O Sensível é porta aberta da estética, da arte e da espiritualidade. “No início era a aisthesis. A aisthesis, estética no sentido grego do termo, é um estar aberto ao mundo, aberto ao sensível do/no mundo e deixar-se contaminar”

(MEDEIROS, 2005, p.13) *Aisthesis* é a nossa percepção pelos sentidos, anterior a qualquer racionalização.

Vamos adotar esse conceito, nossa capacidade de percepção e vivência pelos sentidos como um estar aberto ao Sensível do e no mundo. Aí encontramos a morada da arte e da espiritualidade, porque essa é a própria morada do Sensível e sua percepção. Castro e Dravet nos falam de um homem que não estabelece lugar, que não deve parar, apenas erguer a si mesmo e caminhar. Esse é o homem que paira junto ao Sensível, que nele reconhece sua morada eterna e mutável. Ao homem que somente carrega a si mesmo, o que ele possui a não ser suas próprias sensações? Homem sem lugar, apenas segue com suas sensações a lugar nenhum, ou será ao lugar todo? E esse lugar nenhum já não é o lugar onde esse homem gostaria de chegar, já que sua chegada é continuidade e caminho?

Pensemos tendo o cuidado de não nos reduzirmos ao simplismo, o que esperar de um homem andarilho que encontra na arte ou na espiritualidade seu elo com a morada do Sensível? Esperamos um homem livre? Um homem envolto no segredo de quem se lança ao Abismo, de quem silencia o inexplicável e o alimenta em seu coração? Talvez, esperamos apenas um homem que se comunique, mas que faça de tal forma que una o amor e o pensamento e nos alcance para nos livrar da angústia do Eu sozinho.

O que é a arte e a espiritualidade? Pontes que nos reconectam ao Sensível. Observemos o relato de Jung sobre uma celebração espiritual árabe com tribos reunidas no deserto.

Para mim foi uma lição: essas pessoas vivem por seus afetos; são conduzidos por eles. De um lado, sua consciência os orienta no espaço, comunicando-lhes as impressões vindas de fora e, de outro lado, são agitados por pulsões e afetos de ordem interior. Mas, isso, sem reflexão; o eu é desprovido de qualquer autonomia. No europeu, as coisas não se passam muito diferentemente; mas nós somos um pouco mais complicados. Em todo caso, dispomos de uma certa dose de vontade e de intenção refletida. O que mais nos falta é talvez intensidade de vida (JUNG, 2006, p.287)

Ao relatar isso, Jung nos mostra a beleza e importância desta vivência pelo afeto, do eu desprovido de autonomia, justamente porque se complementa apenas no afeto com o Tu. A espiritualidade e a arte nos aparecem como Tus vindos da morada do Sensível, aquela que paira, que alimenta nossa intensidade pela vida. Rothko ao pintar seus quadros dizia, “As pessoas que choram diante de meus quadros vivem a mesma experiência religiosa que eu senti

ao pintá-los. E se você, como já foi dito, apenas se sente atraído por suas relações de cor, então escapa do decisivo” (BAAL, 2009, p. 57). Podemos supor que o decisivo a que Rothko se refere é o momento durante em que o Eu se abre ao Tu e o incorpora desfazendo-se na carne do mundo; fluindo em uma água que acolhe e comunica. Pelo Sensível relembramos o pequeno poço de água azul, descrito por René Char, onde está guardado nosso segredo. O segredo de nossa alma. A experiência religiosa espiritual ou artística é uma experiência de religação. Ao quê o homem se religa? A quem, ou o quê busca? Estas são respostas silenciosas que guardam os segredos do poço de água azul de cada um.

“O que tento traduzir é mais misterioso, se enreda nas raízes mesmas do ser, na fonte impalpável das sensações” (Cézanne apud Merleau-Ponty, 2004, p.13). Compreendemos Cézanne? Percebemos seu desassossego? O que podemos compartilhar com ele senão a tentativa deste mistério que mesmo diferentes constituem-se mistérios de água azul em um pequeno poço. Relembremos que a propensão à Comunicação é latente dentro de cada um. Talvez não compreendamos Cézanne, mas sentimos a latência do desassossego em nós.

Considerações Finais

Abismo, Silêncio, Aberto, Comunicação, Sensível, Arte e Espiritualidade. Após abordarmos esses conceitos nos aproximamos de uma consideração a cerca da relação entre todos. Podemos pensar que é a partir da vivência do Sensível, possibilitada pela experiência religiosa espiritual e artística, que temos a oportunidade de alcançar o Abismo e o Silêncio para então habitarmos no Aberto e vivermos o durante da Comunicação. São eles que nos abrem as portas para pairar no caminho do pensamento-amor e não nos tornarmos medrosos e covardes ao nos depararmos com o sem fundo.

Passar por essas portas são chances únicas de religação com o que somos, em um processo de alteridade e incorporação com este outro que nos completa. “A existência como um todo é orientada para o encontro” (CASTRO, DRAVET, 2014, p.87). A Comunicação é esse encontro que nos lembra o quão mágico pode ser nossa existência compartilhada.

Referências

- BAAL-TESHUVA, Jacob. Rothko. Tradução para o espanhol Mariona Gratacós. Köln: Tashen, 2009.
- CASTRO, Gustavo; DRAVET, Florence. **Comunicação e Poesia**. Itinerários do aberto e da transparência. Brasília: UnB, 2014.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.
- DRAVET, Florence. **Crítica da Razão Metafórica**. Brasília: Casa das Musas, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. **O Caminho da Linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, São Paulo: São Francisco, 2003.
- JUNG, Carl Gustav. Viagens. In: JAFFÉ, A. (Org.). **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 283-290.
- KOVADLOFF, Santiago. **O Silêncio Primordial**. Ensaios. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- MARCONDES, Ciro. O princípio da razão durante – O conceito de comunicação e a epistemologia metafórica. São Paulo: Paulus, 2010.
- MEDEIROS, Maria Beatriz de. Aisthesis – estética, educação e comunidades. Chapecó: Argos, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o Espírito**. São Paulo: CosacNaify, 2004.